

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0026203

F
B869.2
A447

Theodoro Figueira de Almeida

(Autor d' «A Missão da América» e de «Brasília»)

DUELO FLORAL

DOS

CATAVENTOS

(CACARECO E BAMBÚRRIO)

Comédia

(Em um Ato e dois Quadros)

19 59

F 869.2
A447d
ex. 2

Theodoro Figueira de Almeida

(Autor d' «A Missão da América» e de «Brasília» J)

DUELO FLORAL

DOS

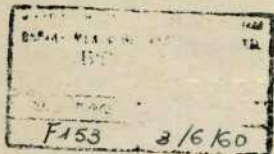
CATAVENTOS

(CACARECO E BAMBÚRRIO)

Comédia

(Em um Ato e dois Quadros)

19 59



F
869.2
A447d
ex.2

B0026203

Questionário

AOS
LEITORES

A

Quem será... Cacareco?

B

Bambúrria... quem será?

C

Qual o significado dos símbolos
desta farsa... alexandrina?

Exemplos esclarecedores:

Zézé..... simboliza a politicagem.

Colombina..... representa a Candidatura ao Poder, alcovitada pela chusma politiqueira, de vida regalada, na exploração da Democracia.

Mavorte..... é o símbolo das Classes Armadas, que preservaram a unidade nacional, na jornada de 7 de Abril, e em todo o transcurso do Império, até proclamarem a República, assumindo, desde então, perante a História-Pátria — em um novo estilo — o solene compromisso da preservação e da defesa, a todo o transe, dos supremos interesses nacionais.

Nasceu êste Diálogo

entre dois vultos da malandragem grã-fina, que se avistaram, tarde da noite, em frente à Academia de Letras, em plena escuridão.

Interrompido, bruscamente, o duelo prosseguiu, meia hora depois, junto à estátua de Cabral, em cujo pedestal se refugiou o vencido, transformado... em estátua viva!.

Primeiro Cenário

Cacaréco

(De braços abertos para o palhaço)

Pensava em você, dizendo... aos meus botões,
Que o Juízo Final "aí vem"... dos tubarões!...
E, por sinal, quanta coisa se propala
Entre você, Zézé e a Colombina!...
Em tôda a Macrolândia só se fala
Que vai haver Mavorte... em grã-f axina!...

Bambúrrio

(Afastando-se, em atitude de desprezo, e fazendo sinais ao antagonista para que se afaste).

Já sei •! — Pasquim -- ao que é que te referes:
Ao desespero atroz dos Réus... luzentes,
Que, quanto mais exploram... seus Alferes,
Mores coisas prometem... aos meus Tenentes!...

Cacareco

(Senhor da situação)

Que corja!... Mas, então, como se explica
Êsse ar sombrio, de cruel tristeza,
Que o leva a ficar tão tiririca
Com a farsa... de que tem tanta certeza?

Bambúrrio

(Em um "transe" acadêmico)

São mistérios da alma, que não cabem
Na estreiteza dos cérebros malignos.
Falam, esses tais. por bocas, que não sabem
O que dizem, o que ladram... dos "mais dignos".

Cacareco

(Dono do páreo)

Mais dignos, que eu saiba... de piedade,
São os tais... de quem fogem as Colombinas,
Que andam, dia e noite, na cidade,
Topando outros palhaços... nas esquinas.

Bambúrrio

(De origem "circense"... dá um golpe em falso)

Falas em tese... no *plural*, não do meu caso,
Que não arreda o pé... do Apartamento!...

Cacareco

(Em continência, de mão fechada)

Sim! Não há meia hora, eu, por acaso,
Vi, no *plural*, seu caso... em um pavimento
Ali na Glória, junto ao "Seu Cabral"!...

Bambúrrio

(Que andava, realmente, no encalço da infiel, corre, **em**
sobressalto, na direção da Glória, traindo o seu segredo
com uma explosão de ciúme)

Zézé tinha razão. Tôda essa história

É fruto... do sátiro da Glória!...

Foi onde ela dormiu! À morte... o "tal"!..

Cacaréco

(Km voz alta, desfazendo o engôdo)

O Frade, não! Está morto em Portugal.
Quem vai morrer . . . de riso, é Vaz Caminha,
Que planta verde, e colhe . . . madurinha!

Mutação do Cenário

Bambúrrio

(Transtornado pelo ciúme, e pela ideia da vingança,
não ouve que a denúncia era um sarcasmo,
e ei-lo já chegado ao pedestal da estátua do Descobridor,
de mão no revólver, so-b as vestes)

Hoje mesmo, se descubro o pavimento,
Cumprirei, de uma vez, meu juramento;
Não importa ser um líder. No conjunto,
Já lenho, mesmo, cara de defunto,
E vou fazer figura . . . nesse entêrro! . . .

Cacaréco

(Surgindo . . . por detrás da estátua)

Então . . . fogo! Na mira deste aterro,
Onde a Deusa, que vi, inda aí vejo,
Em êxtase, fremente . . . do despejo! . . .

Restituído, de chôfre, ao seu estado natural de acretinado bom humor, e regozijando-se com a revelação de se tratar de uma nova arlequinada, o trágico palhaço procura reabilitar-se do fiasco, ten-

tando a troca dos papéis, com recurso ao estratagema de persuadir o antagonista de que ali o atraira, de propósito, para obrigá-lo a reconhecer a sua ignorância da primeira página da História do Brasil. K nesse estado d'alma que **continua**, agora, em cena, o Mestre:

Bambúrrio

Apanhei, no ar, a grossa estupidez,
E, dando pasto à infame cupidez,
Quis aqui te atrair . . . para um regalo! . . .

Cacaréco

(Mantendo a liderança do "quebra-cara")

Se — só por ouvir, no ar, cantar o galo —
Quase morreu, de dor, o abandonado,
É justo rir . . . se pensa estar curado!
Em que lhe posso ser útil . . . no momento?

Bambúrrio

(Bancando o Santarrão)

Mostrando-me, em tão casto monumento,
A sombra da imagem, que te fêz sonhar
Com uma Deusa lasciva . . . neste altar! . . .

Cacaréco

(Apontando para a estátua, com o castão da bengala, de chifre de bode)

Em êxtase, lá está . . . a mulherzinha!
Se você não vê . . . é que rodou na rinha
Com o galo, que quase o vai matando.

Bambúrrio

(Sorrindo... em atitude de desdém)

Não és só primário! Estás chegando
A parecer quadrado, pois nem conheces
A página santa das primeiras preces,
Erguidas, no Brasil, com a Descoberta!..
Não há rudez mais calva e mais deserta.
Que ver, com Frei Henrique... a Colombina!..

Cacareco

(Indicando, na estátua, com o chife de bode, as suas referências)

Ali, há combinação; ali, batina!
Esta cabeça, não vê que é de mulher?
É de homem... êste fundo de colher?
Aprendeu, você, História do Brasil,
Nas aulas de um tristão... Mestre Asnasil?

Bambúrrio

(Em um novo transe da empáfia acadêmica)

Estás a invocar teu Mestre, na ciência,
Para o inculpar da vil maledicência:
Mas irás, direitinho, à palmatória,
Por um êrro imoral... da nossa História!..

Cacareco

(Ironizando os "fátuos, que se julgam nobres")

O estulto vai vencendo, neste mundo,
E o sen Tratado... se tornou profundo!..
Mas, do estulto, quem é o grande Mestre
Senão o Asno. . êsse tristão campestre?...

Bambúrrio

(Tenta um novo golpe... e vai "levar" o troco)

Se até montaria estás buscando,
Teu plano... é arribar de contrabando;
Mas só irás, daqui, depois de confessares...

Cacareco

(Cortando a palavra ao palhaço)

Sim! Em quem vou eu montar... por meus pezares!..
Coisa muito simples! Vejamos, entre nós,
Quem revive, melhor, a casa dos Avós;
Não de oitava, por alto, pela rama,
Senão com os textos, que lhe deram fama!..

Bambúrrio

(Orgulhoso de sua origem)

Dos meus, ouvirás... homéricas façanhas!..
Do "Chalaça" — então — inéditas patranhas!..

Cacaréco

(Alteando a voz, em tom de comando)

Verifiquemos a página primeira.
Você vai dizer, sem êrro, nem gagueira,
O sermão de Frei Henrique... neste altar,
Honrando sua voz, seu modo de exaltar!..
Se você fracassar, eu o recitarei,
E juro que... daqui. . a pé, não voltarei!..

Bambúrrio

Irás, mesmo, é gemer... nos patamares,
Nos teus admiráveis cascos de muares;
E quero ver brilhar... tua perícia,
Entre quatro lambretas... da Polícia!...

(Diz isso para despistar e armar o pulo, porque, derrotado, de antemão, no desafio, e aterrorizado com o olhar sinistro e a atitude resoluta do antagonista — à cuja força o temível agilidade não poderia resistir — BAMBÚRRIO só vê um recurso, para evitar a humilhação de servir de montaria ao parceiro. Aos saltos, escala, em alguns segundos, o monumento, pelos degraus da escada, ali colocada para trabalhos de reparação e limpeza. Paralizado o trânsito, com a afluência dos curiosos, acode a Polícia).

Cacareco

(Apontando para o "Bambúrrio", no alto do pedestal, esclarece a situação aos Guardas)

No delírio do amor... desenganado,
Está mais do que louco... está danado!...
E diz que Vaz Caminha... é a Colombina!...

Bambúrrio

(Do alto do pedestal, com a voz cavernosa dos pulmões carcomidos)

Intrujão! Ali-Babá! Alma cretina!..

Cacaréco

(Depois de derrubar a escada de bambu, pela qual Bambúrrio usurpou a imortalidade)

Bustificado, em vida, já é rotina,
Em que o bronze... é avo da propina!..
Mas êsse, que aí está... de pedestal,
Entre o Frade, Caminha e "Seu Cabral",
É o maior... o "bamburrão colosso":
Estátua viva... em pele e osso!..

Bambúrrio

(De braços abertos para Vaz Caminha, depois de lhe beijar a "Carta" histórica!..)

Se o duelo é proibido, no Brasil,
A jurisdição — bem vês -- está... na cara!...
Na espécie floral... hoje tão rara,
Compete a decisão, no Céu de anil,
À Academia... sempre em férias!...
Será que não lhe dóem... tais misérias!...

Cacareco

(Voltado para o povo, estupefato, que c contido pelo cordão
de isolamento, estendido pelos Guardas)

No Brasil... todo o passado se repete,

Mas, desta vez, a "Carta"... é de topete!...

A primeira ensinou... que a terra dava

O que qualquer *toupeira* lhe plantava;

A última... adverte ao Salvador

Que a "Taba"... não se curva ao Bom Pastor!..

Essa, que ai está, na mão do escriba

(Sem que se leia o que trazia em riba)

O tempo cobriu de Neves calcinosas,

Que o bugre beijou, com hálito... de rosas!..

Sabeis porque? Porque, de azar, supunha

Que fosse a nova "Carta"... do Vazcunha,

A carta do "Chicote da Vitória",

Que vai malhar... os Santarrões da Glória!...

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Rio de Janeiro — Brasil — 1959